

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

EMPREENDEDORISMO CORPORATIVO - TECNOLÓGICO: PROPOSIÇÃO DE UM *FRAMEWORK* CONCEITUAL PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O Oberdan Teles da Silva, Cassiane Chais, Adrieli Alves Pereira Radaelli, Paula Patrícia
Ganzer, Pelayo Munhoz Olea, Eric Charles Henri Dorion

RESUMO: O trabalho propõe estruturar um *framework* conceitual baseado nos elementos macroeconômico e microeconômicos, como forma de potencializar o empreendedorismo estratégico das organizações do agronegócio. Para isso utilizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa e como técnica desenvolveu-se o levantamento teórico-conceitual. No *framework* conceitual formalizado, o empreendedorismo corporativo (EC) deve ser estruturado por um ápice estratégico formado em menor quantidade de agentes, com formações diversificadas e experientes atuando a partir da redescrição representacional com ênfase na gestão de controle formal de operações. O Empreendedorismo corporativo (EC) deve-se desenvolver a partir do empreendedorismo tecnológico (ET) através das relações de troca de informações e conhecimento com as redes (R) institucionais e organizacionais. Ao direcionar o empreendedorismo corporativo (EC) para as redes institucionais maior a probabilidade de gerar inovação de produto, contudo, ao focar nas redes organizacionais maior a tendência de promoção da inovação de processos. Pesquisas futuras podem ser desenvolvidas em organizações do agronegócio com a finalidade de testar empiricamente o *framework* conceitual.

Palavras-chave: Empreendedorismo Corporativo; Empreendedorismo Tecnológico; Redes de Inovação.

1 INTRODUÇÃO

É explícita a evolução das atividades agroindustriais nos últimos anos, especialmente, no que se refere a busca da eficiência das cadeias produtivas. Além disso essas cadeias de negócio, com vistas a potencializar seu caráter estratégico, necessitam serem gerenciadas a partir do caráter sistêmico e mesoanalítico (BATALHA, 2013). Isso se justifica dada a reciprocidade e combinação de múltiplas eficiências ao longo da cadeia. Assim a competitividade de uma determinada organização apresenta dependência com a eficiência dos demais atores da cadeia de negócio. A abertura de mercado, aliado a novos padrões de consumo multifacetados por demandas idiossincráticas, impôs aos gestores do agronegócio a necessidade de desenvolver novos padrões competitivos.

Esses indicadores de desempenho dizem respeito a qualidade dos produtos que garantam a satisfação dos consumidores por meio da redução de custos e ampliação do valor

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

percebido. Contudo a gestão da qualidade da organização requer planejamento, controle, aprimoramento, informações e um agente controlador. Além disso o novo código de defesa do consumidor também impôs as organizações a necessidade de intensificar as estratégias de gerenciamento de suas unidades de produção.

Além disso o agronegócio brasileiro deve ser visto “além da porteira” devendo ser interpretada pelos governantes como uma necessidade e não apenas uma alternativa (ARAÚJO, 2003). É preciso, pois, investir na agro industrialização dada as oportunidades do mercado mundial além do impacto na geração e distribuição de renda por meio do desenvolvimento de novos produtos e pela necessidade demandada pela praticidade ao consumidor a partir das mudanças de estilos de vida.

Com vistas a otimizar o gerenciamento desta cadeia é visível a atenção gerencial no que tange a coordenação dos fluxos de informação e o papel da estrutura de governança como elemento capaz de sincronizar a partir da unidade mercantil toda uma cadeia de negócio de determinado segmento. Ao otimizar o empreendedorismo corporativo no agronegócio é possível fazer com que o Brasil evolua em termos de inovação do setor, inserindo-se significativamente no mercado internacional, não apenas com *commodities*, que reduz as margens de lucro e de preços, mas sim com produtos estilizados para demandas específicas, isto é fragmentada. A inovação dos processos poderá garantir produtos de qualidade com rastreabilidade e com aprimoramento de novas técnicas de gestão (ZUIN; QUEIROZ, 2006).

Assim, tendo conhecimento, da relevância das políticas públicas e da capacitação competitiva das organizações do agronegócio, neste ensaio teórico objetiva-se estruturar um *framework* conceitual baseado nos elementos macroeconômico e microeconômicos, como forma de potencializar o empreendedorismo estratégico das organizações do agronegócio. Como objetivos específicos tem-se: aliar os conceitos do empreendedorismo corporativo e tecnológico para o segmento do agronegócio e auxiliar os pesquisadores do agronegócio para pesquisas empíricas a partir do modelo conceitual.

Para tanto, no que se refere ao elemento macro, propõe-se um *framework* conceitual a partir das redes de inovação de Kin e Lui (2015) combinando com a lógica de uma estrutura corporativa voltada para o empreendedorismo. Fundamentam ainda o modelo autores como Goodale, Kuratko, Hornsby e Covin (2011), Wright, Hmieleski, Siegel e Ensley (2007), Antoncic e Prodan (2008), Fan, Tsai, Lin (2010), Heavey e Simsek (2013).

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na sequência serão apresentados os elementos teóricos que fundamentam o *framework* conceitual para os gestores do agronegócio. Para tanto desenvolve-se conceitos: evolução do empreendedorismo, das redes de inovação e empreendedorismo corporativo e tecnológico.

2.1 Evolução do Empreendedorismo

O empreendedorismo no século XII tinha conotação de competitividade extrema: “aquele que incentiva brigas”. No século XVII era visto como “aquele que retoma responsabilidade e coordena operação militar”. Percebe-se que ambas vertentes eram baseadas nas habilidades. Já no século XVIII aquele que “cria e gera oportunidades”. O foco passa então para gestão do conhecimento. Lucro, decisões e incertezas é abordado por Richard Cantillon entre 1680 a 1734. Terra capital e força humana é atrelado ao empreendedorismo por Jean Baptiste Say entre 1767 e 1832.

O empreendedorismo pode ser explicitado a partir das seguintes eras: era econômica (1870-1940), era das ciências sociais (1940-1970) e era de estudos organizacionais (1970) (VERGA; SILVA, 2006). Na era econômica tem-se a abordagem de Cantillon (risco) Frank Knight (incertezas) Joseph Schumpeter (1982) mudança e inovação e escola austríaca. Já na era das ciências sociais presencia-se o estudo da produção ligado a cultura e traços de personalidades como estudos de Weber, empreendedorismo como cultura desviante através da psicologia e antropologia. Nos estudos organizacionais percebe-se o caráter multidisciplinar através da antropologia, psicologia, sociologia e economia.

Na corrente sociológica é possível inferir a relação entre empreendedorismo e a divisão de classes através de François Quesnay, um dos primeiros economistas que defendia a fisiocracia, que mais tarde fora criticado por Schumpeter (1982). Para Quesnay existiam três subdivisões sociais: os produtores, os proprietários de terra e a classe estéril. Presencia-se o empreendedor apenas nas duas primeiras castas. A crítica de Schumpeter (1982) é percebida quando afirma que o homem tem potencial ilimitado, reiterando que os economistas fisiocratas careciam de uma sociologia para interpretação do sistema econômico a partir deste princípio.

O empreendedorismo também pode ser visto como disputas de interesse. Para Marx (2013) as relações produtivas são antagônicas. De um lado tem-se o empreendedor classificando-o como arrivista. Já os atores do sistema de produção definem-nos como

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

subproletariados que vendem seu único capital, isto é, a força do trabalho, para ser multiplicado em termos de mais valia ao entesourador. O empreendedor na relação social é aquele que busca uma elevação social a partir de uma exclusão social (GRANOVETTER, 1985). Cita os exemplos dos heréticos, judeus e estrangeiros.

Assim o empreendedorismo é uma forma de romper com o atual status social atual limitador. Para Sem (2010) a atual economia empreendedora deve ser concebida a partir das dotações dos indivíduos que o conduzem ao conjunto capacitário, isto é, a capacidade de produzir. Reitera que as liberdades substantivas: segurança protetora, transparência, social, econômica e política fundamenta o conjunto capacitário. A liberdade social está relacionada, por sua vez, a possibilidade do sujeito em obter educação e saúde. Estrutura-se uma inferência a partir desta liberdade aonde a educação pode fomentar o indivíduo a produzir, comprar e promover trocas.

O empreendedorismo moderno, requer configurações. Para Besanko (2006) o empreendedor é alguém que tem dificuldades de relações e que busca ser um agente de mudança através de sua capacidade de pensamento e criação podendo iniciar suas atividades empreendedoras de forma voluntária ou involuntária. O empreendedor é alguém que encurta espaço e tempo, seja este geográfico ou psicológico. Reitera que o tempo também é relevante para o empreendedor especialmente para gestão do conhecimento.

Denzau e North (1994) asseveram que a velocidade da mudança econômica depende da taxa de aprendizagem. Ressalta, contudo, que a direção da mudança é dependente da expectativa dos benefícios que podem ser obtidos com novas descobertas e conhecimento pois a sociedade é dinâmica. Nesse sentido a era da descontinuidade, segundo Bauman (2001) envolve a economia líquida aonde os nômades são bem vistos, símbolos do processo de mudança. Para ele apenas organizações empreendedoras sobreviverão. Contudo, pondera que a satisfação da demanda, acerca do empreendedorismo deve ser frequente e diversificada, sendo que a satisfação deve ser atendida no menor espaço de tempo. Na concepção de Bhidé (1994) o empreendedorismo decorre da construção de uma ideia superior que requer, para seus devidos efeitos, também um processo de execução superior.

2.2 Empreendedorismo Corporativo e tecnológico

O empreendedorismo corporativo apresenta relações entre produtos, mercados e inovação tecnológica (GOODALE; KURATKO; HORNSBY; COVIN, 2001). Os autores afirmam, a partir deste conceito propedêutico, que o empreendedorismo corporativo deve

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

possuir como antecedentes: suporte gerencial, critérios de trabalho, prêmio e reforço, tempo de avaliação e limites organizacionais. Ressaltam ainda a importância dos mecanismos de controle de operações que geram controle formal e de risco do negócio. Reiteram que o suporte gerencial juntamente com os processos de controle formal corrobora com a performance da inovação. Presencia-se, portanto, uma relação entre empreendedorismo corporativo e performance inovadora.

A definição de empreendedorismo corporativo, no entendimento de Ginsberg (1990) abrange transformação. Para ele o empreendedorismo tem caráter de transformação pois abarca a renovação do processo estratégico, isto é, de extensão de escopo de operações em novos domínios (GINSBERG, 1990). O empreendedorismo corporativo compreende, assim estrutura, estratégia, sistema e controle operacional. Esses são fundamentais para gerir o processo de performance da inovação (POSKELA; MARTINSUO, 2009). Estes fatores selecionam, guiam e convergem ações e iniciativas inovadoras.

Os sistemas de controle formais nas organizações chancelam e outorgam a performance inovadora (GOODALE; KURATKO; HORNSBY; COVIN, 2001). O empreendedorismo compreende também desenvolvimento do capital social podendo facilitar a inovação, renovação e risco (HEAVEY; SIMSEK, 2013). Através destes três elementos é possível obter posicionamento de mercado e desenvolvimento de produto. Alertam, de qualquer forma, a importância dos decisores em possuir relações externas e internas com vistas a modelar o seu comportamento empreendedor. Assim a alta direção quando diversificada e aliada a redes intrafirmas e interfirmas pode romper com questões da lógica dominante, o que é relevante para o processo empreendedor (HEAVEY; SIMSEK, 2013).

Ressaltam, porém, que direções homogêneas facilitam o processo de comunicação e coesão social. A diversidade da direção da organização aliada a experiência e diversidade faz o processo empreendedor da organização expandir pro-ativamente. Para os autores a intensidade entre organização e as redes corrobora com ações empreendedoras. Quanto menor o núcleo da direção organizacional maior o grau de empreendedorismo corporativo.

O empreendedorismo proativo, por sua vez, representa um processo cognitivo de aprendizagem interativa que cria valor organizacional (FAN; TSAI; LIN, 2010). Segundo os autores a aprendizagem em rede promove complementaridade de expertise. Para isso as rotinas desempenham papel fundamental para socializar e interpretar o conhecimento coletivo. Os autores também lembram da relevância do suporte financeiro governamental e

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

dos institutos de pesquisa gerando conhecimento e tecnologia pioneira. Ademais o empreendedorismo tem como antecedentes a teoria do capital humano que gera aprendizagem intraorganizacional por meio aquisição de informação e adaptação do ambiente (WRIGHT; HMIELESKI; SIEGEL; ENSLEY, 2007). Também corresponde a aprendizagem inter organizacional em um processo interativo e dinâmico.

A aprendizagem assemelha-se a ao empreendedorismo tecnológico. Nasce em 1950, na Califórnia, com políticas públicas através da criação do parque tecnológico da Stanford Industrial. O surgimento aparece paralelo ao movimento da *New Left*, guerra do Vietnã, pressionando por liberdade, confiança e relações solidárias. A partir desta crise social busca-se tirar proveito do movimento desenvolvendo inovações a partir da cultura do Novo Capitalismo. Em 1960 surge ainda a constituição do cluster de Cambridge, baseadas no conceito de Marshall. “*Puts the brains of Cambridge University at disposal of the problems of British industry*” (MENEZES, 2013).

O empreendedorismo tecnológico objetiva a articulação da produção acadêmica ao pragmatismo de mercado. Percebe-se um deslocamento da atmosfera industrial para inovadora. Articulação da produção acadêmica ao pragmatismo de mercado. No Brasil o empreendedorismo tecnológico nasce em 1965 com a consolidação das universidades públicas federais. A ênfase na ciência e tecnologia aprofunda-se em 1970 com os militares acreditando que o desenvolvimento tecnológico é fator de segurança nacional.

Também são precursores da tecnologia no Brasil o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA) agentes fundadores da Embraer e Petrobrás. Em 1970, tanto o Fenômeno de Cambridge como a experiência do Vale do Silício, influenciam ambientes acadêmicos de vários países inclusive o Brasil para transformação do conhecimento científico-acadêmico em inovação e geração de novos empreendimentos tecnológicos através de processos *spin-off*, em parceria com empresas, ou pelo novo mecanismo de geração de empresas de base tecnológica dos sistemas de incubação de empresas. Em 1990 surge no Brasil o movimento do empreendedorismo tecnológico que retoma e atualiza as ideias de Schumpeter (1982), através da Fundação Getúlio Vargas.

O empreendedorismo tecnológico é uma parte do empreendedorismo corporativo e das atividades dos processos inovadores. Representa a identificação das oportunidades e aplicação de alta tecnologia necessitando de capital humano para gerenciar o crescimento (SHANE; VENKATARAMAN, 2000). No empreendedorismo tecnológico a organização gerencia suas

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

atividades baseadas em pesquisa, desenvolvimento, inovação e tecnologia, requer, contudo, quadro técnico de conhecimento (ANTONCIC; PRODAN, 2008).

O empreendedorismo diz respeito a organização absorvedora de mercado e não a empresa geradora de caixa (ANSOFF, 1990). A organização absorvedora gera e absorve oportunidades de mercado, renegadas por grandes corporações. Em termos estratégicos o empreendedorismo deve ser analisado a luz da estratégia que a organização desenvolve: custo, diferenciação ou ambas.

Nesse sentido a gestão estratégica deve ser analisada a partir do diamante competitivo: fatores de produção, de demanda, indústrias correlatas e de apoio e estratégia, estrutura e rivalidade (PORTER, 1999). Além disso a escolha da prioridade estratégica faz com que a organização se defenda das forças competitivas de mercado que quando combinadas diminuem a rentabilidade da organização.

Em outra concepção o empreendedorismo estratégico trata a estratégia como um processo sistemático, deliberado em sua formação e emergente em sua execução (MINTZBERG; AHLSTRAND; LAMPEL, 2000). Para eles a visão empreendedora deve ser vista de cima, identificando oportunidades e riscos. Lembram que o pensamento lateral, das estratégias não planejadas, como fonte de aprendizagem e construção da competitividade.

2.3 Redes de Inovação

A inovação refere-se ao desenvolvimento econômico por meio da eliminação competitiva de velhos processos e da recombinação de processos endógenos, gerando sob efeito vantagem competitiva (SCHUMPETER, 1982). Existe dessa forma uma relação endógena do processo da inovação aonde as organizações geram a destruição criativa. Tem-se, portanto, a inovação de processo, de produto, de posicionamento e de paradigma. Corroborando com esse entendimento Tidd, Bessant e Pavitt (2008) elencam estratégia, organização, aprendizagem, processos e redes como fatores que maximizam a gestão inovadora. Assim a inovação é concebida pela busca, seleção e implementação. Inferem ainda uma relação entre desempenho inovador e o tempo. Segundo eles o desempenho da organização aumenta com o tempo em que estes fatores são sistematicamente implementados.

A inovação diz respeito a conjunção social dos atores com a finalidade de atingir um determinado propósito (GIGET, 1997). A inovação em uma concepção sistêmica e aberta pode ser caracterizada dentro do pressuposto das redes institucionais e organizacionais. Para Kim e Lui (2015) tanto a rede institucional quando a de mercado podem gerar inovação.

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

A rede institucional, segundo Kim e Lui (2015) compreende a conjunção de agentes de fomento, órgãos governamentais, universidades e institutos de pesquisa. Essas redes se caracterizam por buscarem e gerarem ideias e oportunidades direcionadas para o descobrimento de avanços tecnológicos. As redes institucionais obtêm informações que se encontram dispersas no mercado e apresentam vantagens superiores as redes organizacionais dado o baixo grau de competitividade. Ademais, os sujeitos das redes institucionais produzem conhecimento técnico superior a outras formas de redes, como as redes organizacionais. Apresentam tangibilidade sendo representados por artefatos como *softwares* ou produtos. Existe correlação de que estas redes geram mais inovação de artefatos do que as redes organizacionais.

A rede organizacional, por sua vez, também conhecida como de mercado compreende a interação entre fornecedores, clientes e competidores gerando sob efeito conhecimento tácito. Embora exista o conhecimento este está atrelado aos processos de produção de cada unidade mercantil tornando complexa sua codificação. Isso se justifica em decorrência do interesse maximizador utilitarista das organizações (KIM; LUI, 2015).

3 MÉTODO

O método de pesquisa deste artigo enquadra-se com abordagem qualitativa e finalidade exploratória. No que tange ao procedimento técnico, desenvolveu-se o levantamento teórico-conceitual acerca do desenvolvimento do empreendedorismo corporativo, tecnológico, redes de inovação e seus elementos exógenos e endógenos (GIBBS, 2009). Na seção 4 apresenta-se a proposição de um modelo teórico construído a partir do referencial teórico seção 2. Esse modelo é o resultado de uma pesquisa na base de dados *Web of Science*, de acordo com a figura 01 que demonstra os construtos pesquisados:

Figura 01 – Pesquisa bibliométrica sobre empreendedorismo.

Construto	Título	Área Domínio	Área Específica	Idioma (Inglês)	Artigos	Citados
Corporate Entrepreneurship	195	195	174	62	57	05
Technological Entrepreneurship	815	704	605	410	214	05
Proactive Entrepreneurship	117	104	75	56	30	05

Fonte: Web of Science (2016).

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

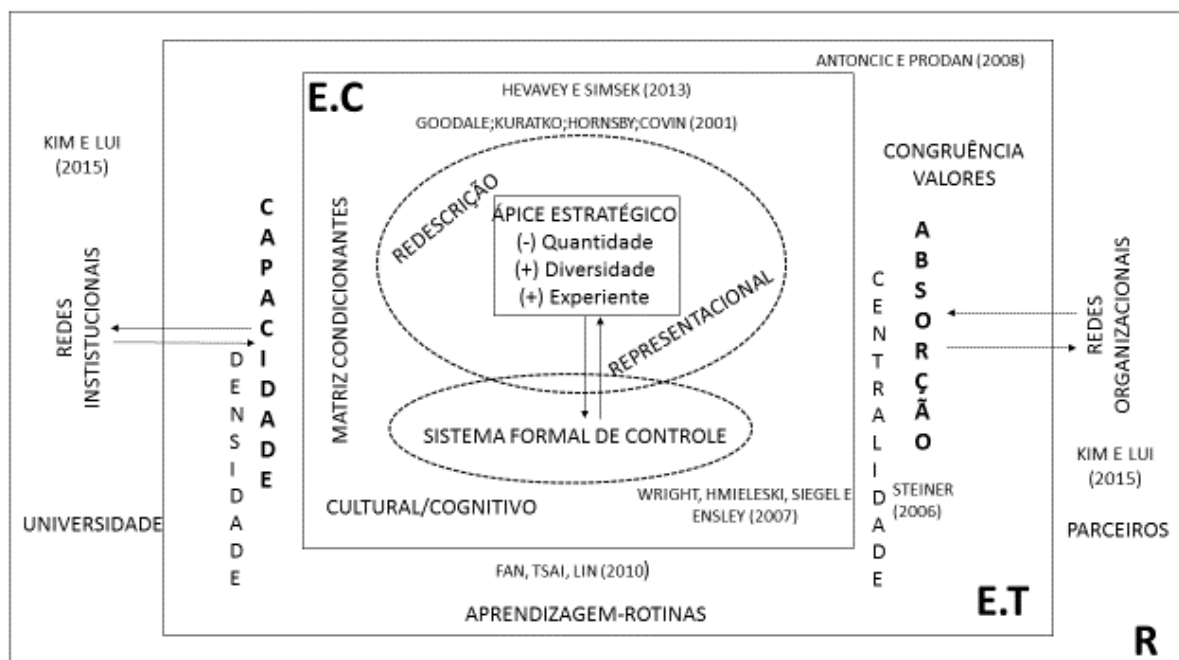
26 e 27 de agosto

Foram selecionados os 05 artigos mais citados referentes ao empreendedorismo corporativo, empreendedorismo tecnológico e empreendedorismo proativo. Também foram acessados livros de agronegócio, assim como artigos científicos que compreendem os estudos do empreendedorismo corporativos, tecnológico e redes de inovação.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção apresenta-se o *framework* conceitual baseado no empreendedorismo corporativo objetivando inspirar e gerar quebras de paradigma visando a sua implementação para potencializar o agronegócio brasileiro.

Figura 02- *Framework* Conceitual empreendedorismo Agronegócio.



Fonte: elaborado pelos autores (2016).

A figura 01 parte da compreensão de que o empreendedorismo corporativo de uma unidade organizacional do agronegócio requer uma estrutura organizacional para tomada de decisão estratégica e empreendedora. Primeiramente é necessário que o ápice estratégico, isto é, o quadro de decisores, conforme Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000), seja formada tomando por base os conceitos da redescrição representacional. Significa que os ápices estratégicos formados pelos seus agentes aprendem de forma cíclica com os erros e acertos de suas decisões em um processo de fluxo contínuo de seus modelos mentais. Conforme Guimarães e Azambuja (2010) apud North (2001) a redescrição representacional significa que

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

os agentes elaboram modelos mentais através de recursos cognitivos por meio da interpretação do mundo e sobre si mesmo em decorrência de experiências particulares e propósitos específicos. Isso fortalece o princípio da aprendizagem organizacional.

O ápice estratégico, conforme o *framework* conceitual proposto é formado pelo conjunto de decisores. Esse conjunto deve ser estruturado em um número reduzido pois conforme Heavey e Simsek (2013) quando menor o quadro de tomadores de decisão maior a tendência para o empreendedorismo corporativo. Também se aponta no *framework* conceitual a necessidade de o ápice estratégico ser formado também por decisores diversificados e experientes, com formações em áreas distintas, pois existe correção entre diversidade da alta direção e empreendedorismo corporativo (HEAVEY; SIMSEK, 2013). Esses gestores, quando diversificados, questionam o status quo contrariando a lógica reducionista da economia ortodoxa direcionando-os, portanto, para a economia criativa e evolucionária. O ápice estratégico também necessita de sistemas de controle formais de operação em organizações orgânicas ou não, com vistas a direcionar a performance da inovação, selecionando, convergindo ações empreendedoras (GOODALE; KURATKO; HORNSBY; COVIN, 2001). Os sistemas formais de controle proporcionam gerenciamento da performance inovadora (POSKELA; MARTINSUO, 2009).

O empreendedorismo corporativo (EP) requer que seja gerido a partir das interações com o ambiente exógeno também. Assim é necessário que a estrutura do empreendedorismo corporativo (EP) esteja relacionada com os princípios do empreendedorismo tecnológico (EP) objetivando gerar aprendizagem interorganizacional por meio da adaptação e troca de informação com o ambiente externo (WRIGHT; HMIELESKI; SIEGEL; ENSLEY, 2007; ANTONCIC; PRODAN, 2008). Para Fan, Tsai e Lin (2010) a aprendizagem com as redes requer o apoio de rotinas coletivas com vistas a socialização do conhecimento por meio da capacidade de absorção da organização. Para obter sinergia com as redes institucionais, como universidades e institutos ou organizacionais definidos por Kim e Lui (2015) é necessário interpretar o conhecimento coletivo a partir do antecedente social, que sob efeito, promoverá performance empreendedora e inovadora.

Essa performance, quando mais direcionada as redes institucionais maior a probabilidade de inovação de artefatos ou produtos como softwares. Contudo quando o empreendedorismo corporativo (EC) se direcionar mais para as redes organizacionais como

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

fornecedores e concorrentes maior a probabilidade de gerar inovação de processo, dada a competitividade entre os agentes da rede (R).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *framework* conceitual de pesquisa proposto, com o objetivo de otimizar o empreendedorismo corporativo a partir da interação com as redes institucionais e organizacionais atingiu sua finalidade dado a necessidade urgente das propriedades rurais e organizações do agronegócio serem geridas sob o prisma da competitividade empreendedora estratégica. Sabe-se que a cada momento as organizações do agronegócio perdem sua eficiência, especializam-se em apenas uma ou poucas atividades e que geram excedentes de consumo fornecendo a mercados complexos e distantes. Além disso as organizações enfrentem a alta competitividade de uma economia altamente internacionalizada (ARAÚJO, 2003).

Sendo assim as organizações rurais deixam de terem o significado de autossuficiência como a base do negócio. Passam e devem ser entendidas sim como um conjunto complexo de bens, serviços, infraestrutura e informações que envolvem coordenação estratégica intra e interorganização. Ao estruturar o *framework* conceitual para o agronegócio objetiva-se que pesquisas futuras sejam desenvolvidas com a finalidade de testar empiricamente o modelo e contribuir com a gestão das organizações rurais, seja “antes da porteira”, “dentro da porteira” ou “depois da porteira”, pois conforme Araújo (2003) todas estas deverão possuir um enfoque comum, isto é, uma visão de toda a cadeia produtiva que privilegie a oferta de novos produtos a um mercado consumidor cada vez mais exigente.

REFERÊNCIAS

ANSOFF, H; I. **Administração estratégica**. São Paulo: Atlas, 1990.

ANTONCIC, B; PRODAN, I. Alliances, corporate technological entrepreneurship and firm performance: testing a model on manufacturing firms. **Technovation**, v. 28, p. 257-265, 2008.

ARAÚJO, J, M. **Fundamentos de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BATALHA, O, M. Gestão agroindustrial. Grupo de Estudos e pesquisas agroindustriais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

BESANKO, D. **A economia da estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BHIDE, A. How entrepreneurs craft strategies that Works. **Harvard Business Review**. March-April, 1994.

DENZAU, A. T.; NORTH, D. C. Shared mental models: Ideologies and institutions. **Kyklos-International Review for Social Sciences**, v. 47, n. 1, 1994.

FAN, C. S.; TSAI, S. F.; LIN, L. J. Leveraging tenant-incubator social capital for organizational learning and performance in incubation programme. **International Small Business Journal**. v. 28. p. 90-113, 2010.

GIBBS, G. R. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GIGET, M. Technology, innovation and strategy. **International Journal of Technology Management**. v. 14, n. 6-7-8, 1997.

GUIMARÃES, K. M. S; AZAMBUJA, R. L. Empreendedorismo High Tech no Brasil: condicionantes, econômicos, políticos e culturais. **Revista Sociedade e Estado**. v. 25, n. 1, 2010.

GINSBERG, A. Connecting diversification to performance: A sociocognitive approach. **Academy of Management Review**. v. 15, p. 514-535, 1990.

GOODALE, J; KURATKO, D; HORNSBY, S. J; COVIN, G. J. Operation management and corporate entrepreneurship: the moderating effect of operations control on the antecedents of corporate entrepreneurial activity in relation to innovation performance. **Journal of Operations Management** v. 29, p.116-127, 2011.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, p. 481-510, 1985.

HEAVEY, C.; SIMSEK, Z. Top management compositional effects on corporate entrepreneurship: The moderating role of perceived technological uncertainty. **Journal of Product Innovation Management**, v. 30, p. 837-855, 2013.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Bontempo, 2013.

MENEZES, R. **A experiência de incubação de empresas de tecnologia de informação do Parque Tecnológico da Paraíba**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. 2013.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

POSKELA, J.; MARTINSUO, M. Management control and strategic renewal in the Front end of innovation. **Journal of Product Innovation Management**, v. 26, p. 671-684, 2009.

KIM, Y.; LUI, S. S. The impacts of external network and business group on innovation: do the types of innovation matter. **Journal of Business Research**, 2015.

PORTER, M. **Competição Estratégias competitivas essenciais**. 14. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

WRIGHT, M; HMIELESKI, M. K; SIEGEL, S. D; ENSLEY, D. M. **The role of human capital in Technological entrepreneurship**. ETP, 2007.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: Uma Investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

SEM, A. **Desenvolvimento como liberdade**. 2010.

SHANE, S; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Acadamey of Management Review**. v. 25, p. 217-226, 2000.

TIDD, J; BESSANT, J; PAVITT, K. **Gestão da inovação**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

ZUIN, S. F. L; QUIROZ, R. T. **Agronegócio: gestão e inovação**. São Paulo: Saraiva, 2006.

VERGA, E; SILVA, S. F. L; STEINER, P. **A Sociologia Econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.